

PROUST PERDIDO E REENCONTRADO

Pina Coco

Pontifícia Universidade Católica/RJ

1. "O que é que isso quer dizer?"

Poucas vezes uma obra foi tão pouco compreendida por seus contemporâneos quanto a de Proust. Não que o autor fosse desconhecido, nem por ter a pesar-lhe a etiqueta de "maldito" como Baudelaire ou Lautréamont - afinal, toda a alta sociedade parisiense da "Belle Epoque" concordava sobre o encanto pessoal os belos olhos negros do "petit Marcel", filho do famoso dr. Proust...

Houve um malentendido, como se o texto lido fosse, literalmente, outro - o negativo da "Recherche". Jacques Madeleine, conselheiro do editor Fasquelle - que recusou o manuscrito do primeiro tomo - considerado o primeiro crítico de Proust (1912) pergunta-se, perplexo, após a leitura: "O que é que isso quer dizer? O que significa? Para onde vai? Impossível saber!"

E ao tentar resumir uma "intriga" inexistente, sem protagonistas definidos e conduzida por um estranho narrador, sem rosto nem idade, continua Madeleine a se perguntar: "Afinal, o que é?" - para concluir, desanimado, que se trata de "um intelectual extraordinário" - tendo, no caso, o adjetivo toda a força de seu sentido etimológico.

O próprio Proust trava, ao longo de sua obra, uma obstinada batalha contra esse leitor surdo e cego:

“Ninguém compreendeu nada. Mesmo os que foram favoráveis à minha percepção das verdades (...) me felicitaram por tê-las descoberto “ao microscópio”, quando, pelo contrário, eu usara um telescópio para captar coisas realmente muito pequenas, mas situadas a uma grande distância e que constituíam, cada uma delas, um mundo” (T.III)

Aos que lhe pespegam os adjetivos “delicado” e “sutil”, Proust opõe “vivo” e “verdadeiro”; aos “detalhes” elogiados contrapõe “leis”... Contrasensos e lendas, entretidas pela própria crítica proustiana; obra que - pouco ou mal lida - passa a ser taxada de “difícil”, “hermética”, ou, pelo contrário, “decifrável” através da chave de pessoas reais por trás dos personagens - pessoas e intrigas que foram, em um dado momento, familiares ao delicioso “petit Marcel”. Leitura convencional de um texto em ruptura.

Acresça-se ao mal entendido o ônus de uma publicação fragmentária, por razões específicas, em tomos, de uma obra que constitui um todo. Ouçamos mais uma vez Proust:

“Sou obrigado a pintar o erro sem dizer que é erro, pior para mim, se o leitor o tomar por verdade...” (Carta a Jacques Rivière, de 7 de fevereiro de 1914)

Quando, 14 anos depois da publicação do primeiro tomo, é enfim editado o último, *O Tempo Reencontrado*, já se havia tomado definitivamente o erro por verdade...

II. Vale a pena ir a Illiers?

O turista acidental percorre, ansioso, o périplo proustiano: Illiers, a casa da avó, o quarto de Marcel, as “madalenas” na doceira

da esquina, a infusão de tília - e o amargo gosto da decepção: mas então, é só isso?

Sejamos radicais: Illiers - 2940 hectares na região de Chartres, capital da comuna de Eur-et-Loire, nas proximidades de Paris, igreja do século XIV e ruínas feudais - não existe. Nem a "madalena", nem a infusão de tília. O que existe é Combray. Ouçamos Proust:

"É em vão que voltamos aos lugares que amamos, não os reveremos nunca, pois estavam situados, não no espaço, mas no tempo".

"...como existe uma geometria no espaço, há uma psicologia no tempo..."

"mas a verdadeira realidade é outra coisa, algo que está em nosso espírito..."

III. A memória

"Um livro é o produto de um eu diverso daquele que transparece em nossos hábitos, na sociedade, em nossas vidas..."

"A desagradção do eu é uma morte contínua".

A André Gide, que lhe falava de suas *Memórias*, Proust aconselha:

"Pode dizer tudo, desde que nunca digue 'eu'".

Singular conselho, vindo de um escritor cuja obra é toda na primeira pessoa...Obra centrada na memória, mas não *Memórias*,

mesmo se o narrador se chama Marcel. Donde a inutilidade da busca dos “verdadeiros” modelos dos personagens, ou de confidências “verdadeiras” - coisa de que o próprio Proust tentou, em vão, convencer seus contemporâneos.

A passagem de Illiers a Combray, do memorialismo à ficção, pode ser compreendida através da análise do narrador proustiano - um falso eu.

Falso eu composto e alimentado por quatro elementos: o homem, Marcel Proust - o jovem snob, frequentador dos melhores salões e o maduro prisioneiro da asma e de sua criação, que é a “verdadeira vida”, além do quarto revestido de cortiça e abafado pelas fumigações contra a asma. Dele, uma parcela - o eu criador - é Proust, apenas o sobrenome, o autor de gênio de uma obra que mudou o rumo da ficção moderna. Quem escreve na primeira pessoa é Marcel, personagem de ficção, que, por sua vez, se desdobra em dois: aquele que escreve, num tempo T e aquele que vemos evoluir, em vários tempos T', e que irão se fundir ao escreverem, juntos, a palavra “fim” (“Agora posso morrer” - dirá Proust a Céleste).

Aqui se marca a diferença: o memorialista trabalha com a verdade; seu eu reúne autor e protagonista, e sua matéria é um passado de que se recorda, cujo desfecho é conhecido (as *Confissões de Rousseau*). Cabe-lhe traçar/organizar/escolher, ou seja: arrumar/trair/mutilar - uma experiência.

Já o romancista trabalha com a ficção: seu eu é um “fake” e sua matéria, nem memória, nem passado: deve escolher/organizar/animar uma **outra** vida, voluntariamente repensada.

Marcel, personagem, tem uma vida vã e fútil; não precisa ser descrito, pois está voluntariamente ausente; na verdade, perdeu seu tempo, e se perdeu. É apenas um “lugar” de sensações, donde sua invisibilidade. Isso é descoberto pelo narrador, presente, vivo, criador, substituto de Marcel-personagem e associado a Proust-autor.

A vida não se vive, ela se sonha: liberta do tempo pelo sonho/ criação, a realidade torna-se compreendida, e sua permanência assegurada e sua percepção em suas metamorfoses.

Em vez do trabalho de arqueólogo do memorialista, que vai raspar resíduos acumulados em busca do original sepultado, o romancista caminha por adições (os célebres cadernos proustianos, com suas intermináveis sanfonas de papel coladas por Céleste). Em vez da condensação, a visão estelar de discontinuidade. Opondo-se à lógica do complemento, do memorialista, que supre lacunas, Proust instaura a lógica do suplemento, do mesmo ao mesmo, do acréscimo infinito-até o último momento. Trabalho de interpretação, de leitura dos signos.

E assim, nem memória "real", nem memória "fictícia". Proust-Marcel cria uma terceira memória (que não pertence nem a um nem a outro, mas a ambos). Jogo de espelhos a ser decifrado no final. Jogo antropofágico onde um se nutre do outro, ambas as essências preservadas, para criar a obra de arte.

"Antes de mais nada, as tarefas negativas. É preciso se libertar de todo um conjunto de noções ligadas ao postulado da continuidade..."

Na discontinuidade/relatividade, o tempo abolido e reencontrado; não mais linear "passado-perdido/presente-angústia/futuro-ansiedade) mas espaço-tempo da nova ciência, simultâneo e -enfim, recuperado.